

## Eremitismo, Profecia e Poder: o caso do *Libellus* do «pseudo-eremita» Telésforo de Cosenza

Como cabalmente atestaram vários estudiosos que tiveram a santidade como «objecto de estudo», os «modelos de virtude», as imagens do santo e da santidade foram e são conceitos inconstantes com os tempos. A hagiografia da alta Idade-Média, por exemplo, acentuava a ideia de que a ruptura com o mundo era causa indispensável para a perfeição, e que Deus privilegiava no acesso à beatitude pessoas de estamentos elevados. No entanto, depois da reforma gregoriana<sup>1</sup>, e ao longo do século XII, a contestação à hierarquia da igreja, por um lado, e os movimentos religiosos de inspiração «apostólica e evangélica» por outro, fizeram com que se popularizasse um conceito de «virtus» que tinha como condição fundamental a prática da pobreza e da humildade, começando a beatitude a ser entendida como uma conquista pessoal e progressiva<sup>2</sup>.

Neste sentido, como que ganha uma renovada sedução o antigo apelo evangélico de se alcançar Deus renunciando a si próprio, no seguimento do conselho que Jesus dera ao jovem diligente em alcançar a vida eterna: «Se queres ser perfeito vende tudo o que possúes, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro nos céus» – Mat. 19: 21. Não teria sido sem razão o facto de, nos séculos XI a XIV, se ter verificado uma multiplicação de «eremitismos» por toda a Europa. São aprovadas pela Igreja congregações como Camaldoli, Chartreuse, Fuente Avellana,

---

<sup>1</sup> Levada a cabo por Gregório VII, papa de 1073 a 1085. No essencial, promoveu uma separação clara entre os leigos e o clero, reformando a liturgia e instituindo o celibato...

<sup>2</sup> O primeiro laico não nobre canonizado foi S. Omobono (1117-1197), um alfaiate e comerciante de panos, de Cremona que se distinguiu pela sua caridade para com os pobres e desfavorecidos. Por iniciativa do bispo daquela cidade foi canonizado por Inocência III em 1199. O processo de canonização é sintomático da mudança de «padrão de santidade». Desta feita valorizou-se essencialmente a piedade e a associação entre a vida contemplativa e activa... – André VAUCHEZ, *Le culte de saint Homebon du XII au XVI siècle: intentions des promoteurs et modalités de sa réception*, in *Il pubblico dei santi – Forme e livelli di ricezione dei messaggi agiografici* – Atti del III Convegno di studio dell' Associazione italiana per lo studio della santità, dei culti e dell'agiografia, Verona 22-24 ottobre, 1998, Roma, 2000, 129; André VAUCHEZ, *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*, II, Roma 1988; André VAUCHEZ, *Saints, prophètes et visionnaires. Le pouvoir surnaturel au Moyen Age*, Paris, 1999. (Tradução italiana de Roberta Ferrara – *Santi, profeti e visionari, Il soprannaturale nel medioevo*, Bolonha, 2000), 19-80.

Monte Carmelo, os eremitas de S. Agostinho, de S. Jerónimo, de S. Paulo e de S. Francisco, para não falarmos de «eremitismos espontâneos» que igualmente assomam.

É neste clima que em Portugal surge o fenómeno dos «eremitões de pobre vida» – como os «Eremitas da Serra de Ossa»<sup>3</sup> – que proliferam a partir da segunda metade do século XIV<sup>4</sup>, vistos como homens de eleição, gozando, por isso, de enorme popularidade. A primeira congregação eremítica, canonicamente aprovada, a chegar ao nosso país, foi a de S. Jerónimo que construiu, em 1400, o seu primeiro mosteiro no ermitério de Penha Longa, na Serra de Sintra, futuro berço da Ordem<sup>5</sup>.

A esta conexão «eremitismo-santidade» estava também associada a ideia de que este «modus vivendi» era propiciador da faculdade profética. Recordemos, por exemplo – porque o caso tem todos os ingredientes... – a notícia que Fernão Lopes nos dá sobre um «eremita-profeta» que chamavam Fr. João da Barroca. Pouco antes do Mestre de Avis matar o conde de Andeiro, chegou a Lisboa um homem castelhano que vivera em Jerusalém emparedado... Logo que chegou à cidade, «disse que o levassem a huia alta barroca açerca do mosteiro de sam Framçisco desse lugar; omde avia huia prove casa bem pequena, e que lhe çarrassem a porta, salvo huia estreita janella que ficasse pera vista, e que Deos o proveeria alli do que lhe neçessario fosse. Fezeromno assi aquelles que disto tomarom cuidado (...); e vivemdo alli o homem boom em aspera e apertada vida, começaram as gêtes daver em elle tall devaçom, visitamdoo com suas esmollas de que ell pouco tomava, que todos o aviam por samto, e que Deos lhe revellava muitas das cousas que eram por viinr»<sup>6</sup>. Também o mestre de Avis teria consultado este vidente que o aconselhou a não sair de Lisboa porque «a Deos prazia de ell

<sup>3</sup> O primeiro documento que prova a presença de eremitas em «Serra de Ossa» é de 1364... *Eremitismo* in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Lisboa, 2001, 151-153.

<sup>4</sup> Conhecem-se desse período 31 eremitérios, 22 dos quais se situavam a sul do Tejo... – *Eremitismo* in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, ed. cit., 151.

<sup>5</sup> Recorde-se que por trás do regresso de eremitas – portugueses e espanhóis – de Itália para Portugal e Espanha, esteve uma profecia de Tomasuccio de Foligno, segundo a qual o Espírito Santo desceria sobre Espanha, e fundaria uma nova religião. Entre os Portugueses encontrava-se Frei Vasco Martins. A escolha inicial dos montes de Toledo não foi ocasional. Com efeito, Toledo encontra-se no centro de Espanha como Jerusalém, simbolicamente, se encontrava no centro do mundo. Estes eremitas viriam a dispersar-se e só mais tarde, depois de 1367, começariam a organizar-se na ordem de S. Jerónimo, ordem Ibérica que nunca aceitou de bom grado uma expansão para além das fronteiras da Europa – José Adriano de Freitas CARVALHO, *Nas Origens dos Jerónimos na Península Ibérica: do Franciscanismo à Ordem de S. Jerónimo – O Itinerário de Fr. Vasco de Portugal* in «Rev. da Faculdade de Letras da Universidade do Porto» (Porto), IIª Série; I; José Adriano de Freitas CARVALHO – *Joachim de Flore au Portugal: XIIIème – XVIème Siècles. Un Itinéraire Possible* in «Il Profetismo Gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento in *Atti del III Congresso Inter. di Studi Gioachimiti*, Genova, 1991, 415; 420; 432.

<sup>6</sup> Fernão LOPES, *Crónica de D. João I*, Vol. I, s. d., 48.

seer rregedor» de Portugal.

Como veremos, os maiores expoentes do profetismo tardo-medieval foram apologistas desta maneira de viver a fé; as mais prestigiadas profecias resultaram – ou foram «fabricadas» como emergentes... – da experiência eremítica; a vários textos proféticos de autoria anónima foi propositadamente dada essa atribuição...

O fio condutor desta nossa pequena exposição será a tentativa de explorar esta tríplice associação – eremitismo-virtude-profecia –, seguindo o rasto daquilo que poderemos chamar «profecia eremítica», ou melhor, neste caso, «pseudo-eremítica».

### *1 - Eremitismo e Profecia.*

Também neste sentido é incontornável a figura maior do profetismo europeu medieval – Joaquim de Flora. E a sua importância não advém do facto de ter tido uma vivência eremítica significativa, mas por lhe ter dado um relevo que se pode considerar revolucionário...

São escassíssimas as notícias biográficas fidedignas sobre o abade de Flora<sup>7</sup>. O que existe de facto são testemunhos póstumos, muitas vezes vagos e contraditórios. Teria nascido na Calábria, entre os anos de 1130-1135. Em 1167 – também sobre esta referência não há unanimidade... –, na altura um jovem funcionário de chancelaria, resolve deixar carreira e bens, e peregrinar até à Terra Santa. Em certa ocasião, estando no monte Tabor a meditar sobre o sentido das escrituras, sentiu um sono profundo, e teve a visão de um rio de azeite e de uma personagem que o convidava a beber daquela torrente. Depois de fazer o que lhe solicitavam, acordou, e sentiu-se senhor de uma compreensão global de toda a Sagrada Escritura. Regressado da Palestina, passou a levar uma vida de eremita perto de um mosteiro grego no Etna, e, mais tarde, foi para a Calábria onde viveu numa gruta nos arredores da localidade de Cosenza...

Dez anos mais tarde, em 1177, é eleito abade do mosteiro cisterciense de S. Maria de Corazzo, e depois de conseguir a incorporação do mosteiro na ordem cisterciense – 1183 –, não consegue evitar alguns atritos com o capítulo geral. É decisivo o ano de 1186, em que passa por uma espécie de «crise espiritual» – renunciando a todas as dignidades, e convencido de que estava iminente um período de grandes tribulações, retira-se de novo no ermo de «Petra Lata»

---

<sup>7</sup> A este respeito, saliente-se, entre a vastíssima bibliografia sobre Joaquim de Flora, as obras seguintes: M. REEVES, *The Influence of Prophecy in the Later Middle Ages*, Oxford, 1969; Gioacchino da FIORE, *Sull'Apocalisse*, (Traduzione e cura di Andrea Tagliapietra), Milão, 1994; Robert E. LERNER, *Refrigerio dei santi – Gioacchino da Fiore e l'escatologia medievale*, Roma, 1995; Francesco D'ELIA, *Gioacchino Da Fiore un maestro della civiltà europea – Antologia di testi gioachimiti tradotti e commentati*, 2ª ed., Roma 1999.

dedicando-se ao estudo e à conclusão das suas obras maiores. Nesta altura, tinha já claro que o «monaquismo tradicional» não servia para enfrentar a crise que a Igreja vivia na época<sup>8</sup>... Recorde-se que Joaquim de Flora, sempre inconformado, morre em 1202, num ermo que começara a construir um ano antes, junto à localidade de Petrafita, numa capela que lhe fora cedida pelo Arcebispo de Cosenza<sup>9</sup>...

O início da vida de Joaquim de Flora corresponde ao apogeu da Ordem de Cister – período que vai, grosso modo, da fundação de Clairvaux em 1115, até 1153 ano da morte do seu fundador, S. Bernardo de Clairvaux –, mas em pouco tempo a ordem vê-se atacada pelas mesmas contingências que estiveram por trás da sua génese no seio da família cluniacense. Não haviam conseguido encontrar solução para conciliar a pobreza individual que se propunham viver com a riqueza colectiva que possuíam... Tinha-se frustrado a tentativa de congeminar um modo de ajustar a recusa do mundo com a presença entre os homens...

Como a vida, também a obra de Joaquim de Flora é subversiva ao sugerir a metamorfose do monge em eremita, e do estudioso da «lectio divina» em «profeta»<sup>10</sup>... Na parte sexta da *Expositio*, por exemplo, fala no aparecimento de duas novas ordens que conseguiriam a consolidação na sétima «idade». Seriam *virii spirituales* que Deus enviaria para que, graças à sua «inteligência espiritual» – que estaria muito para além da sabedoria livresca... – decifrassem os mistérios escondidos e mostrassem os eventos futuros. A sua doutrina, portanto, é uma proposta de «reforma»: conciliando a *Ecclesia Spiritualis* com a *experimentum mundi*, defendendo o ideal eremita como forma de «fuga» ao modelo do *abbas cisterciense*, antecipa, de certa forma, os movimentos espirituais do século XIII<sup>11</sup>.

Pouco tempo depois da sua morte, além das quatro obras consideradas autênticas<sup>12</sup>, apareceram outras nove que lhe foram atribuídas, e cerca de vinte claramente apócrifas. E haverá um meio que se revelará particularmente cultor e vulgarizador dos textos joaquimitas – e agora também os pseudo-joaquimitas: a ordem dos Frades Menores...

Recorde-se que a polémica sobre a pobreza – que foi permanente depois da morte de S. Francisco – ganhou especial vigor na segunda metade do século XIII, depois da condenação de Fr. Gerardo de Borgo San Donnino (1255), e no tempo de Fr. Pedro Juan Olivi (1248/49-1298), defensores de uma pobreza

<sup>8</sup> Gioacchino da Fiore *Sull'Apocalisse*, ed. cit., 63.

<sup>9</sup> Gioacchino da FIORE, *Sull'Apocalisse*, ed. cit., 69.

<sup>10</sup> Gioacchino da FIORE, *Sull'Apocalisse*, ed. cit., 55.

<sup>11</sup> Gioacchino da FIORE, *Sull'Apocalisse...*, ed. cit., 54; 83; Recorde-se, por exemplo, o movimento dos «visionários», «Beguinos» e «Fratícelos», herdeiros do ideário Joaquimita... – J. M<sup>a</sup>. POU Y MARTI, O. F. M., *Visionarios, Beguinos y Fraticelos Catalanes (Siglos XIII-XV)*, Madrid, 1991 (1<sup>a</sup> ed., Vich, 1930).

<sup>12</sup> As três obras maiores: *Psalterium decem chordarum; Expositio in Apocalypsim; Liber Concordiae Novi ac Veteris Testamenti* – M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 541-542.

evangélica à imagem de S. Francisco<sup>13</sup>... Será esta ala – designada como «Franciscanos Espirituais» – que se «apoderará» dos escritos de Joaquim de Flora, adoptando aquela escatologia como profecia e prova de que eles poderiam ser essa «nova ordem» que substituiria a Igreja de Roma e conduziria a humanidade à Idade do Espírito... Em paralelo com este trabalho exegético, escreveram também muitas profecias a que várias vezes deram a paternidade de Joaquim de Flora, criando um literatura pseudo-joaquimita que terá uma influência importantíssima em toda a Europa<sup>14</sup>.

Um exemplo destes textos é o «Oraculo de Cirilo»<sup>15</sup>. O autor – uma simples ficção literária – é apresentado como um eremita do monte Carmelo<sup>16</sup> que teria tido uma enigmática revelação por intermédio de um anjo, e, incapaz de lhe perceber o sentido, tê-la-ia enviado a Joaquim de Flora para que a comentasse<sup>17</sup>...

Geralmente – apesar de se poderem encontrar pequenas variantes nos inúmeros manuscritos que existem – a obra é constituída por uma carta inicial de Cirilo para Joaquim de Flora – em que conta a manifestação de um anjo que lhe entregou duas placas de prata com uma profecia escrita em língua grega, pedindo ao Abade que lhe fizesse um pequeno comentário; pela resposta de Joaquim de Flora, em que diz ter recebido o oráculo por intermédio de um certo «Telésforo» – repare-se como é curioso... –, que vinha acompanhado por um intérprete, e que fará um comentário diligente como lhe era solicitado<sup>18</sup>; e, finalmente, pelo comentário propriamente dito...

O «Oraculum angelicum» teve, até meados do século XIV no círculo carmelita, uma divulgação extraordinária<sup>19</sup>. No entanto, a fama de que usufruiu

<sup>13</sup> J. M<sup>a</sup>. POU Y MARTÍ, *Visionarios, Beguinos y Fraticelos Catalanes...*, ed. cit., 13-15.

<sup>14</sup> Norman COHN, *Na Senda do Milénio – Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média*, 91.

<sup>15</sup> *Oraculum Cyrilli cum Expositione Abbatis Joachim* – M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 522.

<sup>16</sup> Às vezes confundido com «Cyrillo de Jerusalém» (315-386). Bispo de Jerusalém em 351, compôs um «Catecismo» em que fala numa segunda vinda do «salvador» Jesus Cristo. Essa «segunda vinda» seria precedida pelo «reino do Anticristo», depois do qual se constituiria um mundo perfeito... – DESROCHE, Henri, *Dieux d'Hommes. Dictionnaire des Messianismes et Millénarismes de l'Ere Chrétienne*, Paris, 1969, 102.

<sup>17</sup> M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 57; Jeanne BIGNAMI-ODIER, *Jean de Roquetaillade (Johannes de Rupescissa)*, Paris, 1952, 106-113.

<sup>18</sup> É levada a tal ponto a tentativa de dar veracidade ao texto, que na carta de Joaquim de Flora, consta um conjunto de expressões bizarras cujo significado não teria conseguido decifrar... – Jeanne BIGNAMI-ODIER, *Jean de Roquetaillade...*, ed. cit., 108.

<sup>19</sup> Por volta de meados do século XIV, um outro carmelita que também se denominava «Cirilo do monte Carmelo», compôs uma outra carta a Joaquim de Flora, em que pretendia recontar as origens da ordem carmelita. Apesar de ser uma nítida falsificação – desconhece-se o ano da morte de Joaquim de Flora (1202) e refere-se a acontecimentos muito posteriores... – o escrito teve uma enorme influência. Graças a esta invenção, «Cirilo» figura no calendário carmelita com o título de

posteriormente, deveu-se a uma outra obra<sup>20</sup>, o *Libellus*<sup>21</sup>, escrita por um «Telésforo» – um outro artifício literário – que teria sido também eremita em Cosenza.

### 1.1 – O «*Libellus*»

Apesar dos muitos esforços dos estudiosos que se debruçaram sobre o assunto, nunca se encontraram referências biográficas sobre «Telésforo de Cosenza». Tendo em conta o sentido do nome «Telésforo» – «aquele que anuncia o fim» – e a situação do seu eremitério – algures na Calábria –, o leitor facilmente seria remetido para a incontornável figura de Joaquim de Flora<sup>22</sup>. Como veremos, tudo aponta para que estejamos perante uma obra escrita por alguém pertencente, ou ligado, à oligarquia de Génova<sup>23</sup>, que apresenta o *Libellus* como tendo sido resultado de uma vivência eremítica, como forma de forma de credibilização.

Na análise da obra são claramente detectáveis sintomas que levam os estudiosos a levantar a hipótese de ter sido alvo de «duas redacções», ou de duas fases de produção. No estudo de Donckel – o mais cuidado sobre a obra em causa – conclui-se que as profecias do *Libellus* teriam sido congeminadas entre 1356 e 1365 – na mesma altura em que Roquetaillade (Jean de Rupescissa<sup>24</sup> – 1300-1365) escrevia os seus últimos prognósticos –, mas só teriam ganho a forma final entre 1378 e 1390<sup>25</sup>. Por isso, a sua feitura teria sido influenciada não só pelo recente cisma da Igreja, como pelas ideias do visionário francês... De outra forma, poder-se-á dizer que no *Libellus* se faz a junção entre a corrente profética joaquimita e

---

«bem-aventurado» – 6 de Março –, assim como consta na lista dos primeiros gerais da ordem. – Jeanne BIGNAMI-ODIER, Jean de Roquetaillade..., ed. cit., 108.; J. M<sup>o</sup>. POU Y MARTÍ, O. F. M., *Visionarios, Beguinos...*, ed. cit., 15 nota 3.

<sup>20</sup> M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 58.

<sup>21</sup> *Libellus de causis, statu, cognitione ac fine praesentis schismatis et tribulationum futurorum.*

<sup>22</sup> O mesmo acontece com o «Liber de Flore» redigido dos princípios do século XIV por alguém provavelmente pertencente ao meio dos «franciscanos espirituais»...

<sup>23</sup> R. RUSCONI, *L'Atessa della Fine. Crisi della Società. Profezia ed Apocalisse in Italia al Tempo del Grande Scisma d'Occidente (1378-1417)*, Roma, 1979, 171.

<sup>24</sup> No *Liber Ostensor* e o *Vade mecum in tribulatione* ganha particular importância a ideia de que o cisma da igreja era um elemento constitutivo da cronologia escatológico-apocalíptica, sinal de uma idade futura iminente...

<sup>25</sup> Na opinião do Roberto Rusconi, sofreu duas composições: uma nos anos 1356-1365, e outra entre 1378 e 1390, quando o tão profetizado cisma era, de facto, uma realidade – R. RUSCONI, *L'Atessa della fine*, ed. cit., 171.

uma corrente profética francesa de teor nacionalista<sup>26</sup>...

Durante os séculos XIV e XV a obra de Telésforo usufruía já de uma vasta difusão por toda a Europa, e terá um papel importantíssimo na disseminação do profetismo escatológico joaquimita e pseudojoaquimita até às primeiras décadas do século XVI<sup>27</sup>. Teve uma enorme fortuna editorial: conhecem-se cerca de 50 exemplares em bibliotecas de todo o mundo, entre os quais está uma cópia pertencente ao Ms. 834 da Biblioteca Municipal do Porto que tentaremos analisar com algum cuidado, confrontando-o com o que conhecemos de outros, na tentativa de detectar diferenças, modificações ou aplicações.

O *libellus* propriamente dito é precedido de uma carta, datada de 3 de Setembro de 1386, escrita «in heremo agri herculani prope Thebas»<sup>28</sup> por um eremita de nome «Telésforo», e dirigida a António Adorno, duque de Génova. No essencial, o seu conteúdo é um apelo ao duque para que pusesse fim ao cisma que dilacerava a Igreja, aderindo ao partido francês. A razão de ser deste documento tem muito a ver com o facto da Ligúria, pela sua situação estratégica – entre Roma e Avinhão –, ser, na altura, uma zona disputadíssima pelas duas facções: Clemente VII tentava convencer o duque de Génova a aderir à sua causa, enquanto Urbano VI estava retido em Nocera, ameaçado pelas tropas de Carlos III – Carlos de Angiò – rei de Nápoles<sup>29</sup>...

Depois desta missiva, Telésforo, em jeito de introdução, conta que, na manhã do dia de Páscoa do ano de 1386, tivera uma visão<sup>30</sup> de um anjo que lhe disse que Deus tinha atendido as suas orações, e, por isso, lhe comunicava que as respostas às suas dúvidas – sobre a divisão da Igreja e o verdadeiro pontífice... – estavam infusas nas profecias de muitos servos de Deus que tinham profetizado por graça do Espírito Santo, como Cirilo, Joaquim de Flora, Merlim, a Sibila Tiburtina entre outros<sup>31</sup>. Portanto, deveria ler e estudar o conteúdo dessas obras com o

<sup>26</sup> M. REEVES, *The Influence of prophecy...*, ed. cit., 325; R. RUSCONI, *L'Attesa della fine*, ed. cit., 181.

<sup>27</sup> R. RUSCONI, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, Roma, 1999, 126.

<sup>28</sup> *Prophetia Fratris Theolofor Heremitaie item alia prophetia in versu Toscano*, B. P. M. P., Nº 834, 5.

<sup>29</sup> Será precisamente em Génova que no dia 5 de Março de 1386 aparecerá um extravagante «profeta francês» anunciando a reunificação da Igreja e a legitimidade de Clemente VII. O indivíduo, depois de quinze anos de fervorosa vida eremítica, tinha tido uma revelação divina com esse conteúdo... – R. RUSCONI, *L'Attesa della fine*, ed. cit., 169; 170; Paola GUERRINI, *Propaganda Politica*, ed. cit., 35.

<sup>30</sup> Como em outras obras do mesmo filão, o sonho e a visão do anjo é uma forma de dar à obra autoridade profética e divina...

<sup>31</sup> *Prophetia Fratris Theolofor Heremitaie*, B. P. M. P., Nº 834, 5; R. RUSCONI, *L'Attesa della fine*, ed. cit., 174; M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 325.

propósito de desvendar as causas e o fim da cisão<sup>32</sup>. A mesma coisa seria dizer que a solução, estava no vasto *corpus* da literatura joaquimita e pseudo-joaquimita...

Desse zeloso estudo resultou a certeza de que o cisma que a igreja sofria estava profusamente profetizado, e era uma consequência dos pecados e dos vícios do clero e do povo cristão... Por isso, os religiosos corruptos, o pseudo-papa e os seus sequazes, sofreriam uma dolorosa punição: um antipapa alemão coroaria um tirano, Frederico III<sup>33</sup> que – no fim da sexta e última idade... – puniria a Igreja e reteria o rei de França – «Fredericus tertius vocabitur et ultimus magnus anticristus qui faciet ultima tribulationem regnare debeant...»<sup>34</sup>. Neste cenário de confronto entre as forças do bem e do mal, o Papa Angélico será revelado e coroado por um anjo; e o rei de França – de nome *Karolus*<sup>35</sup> – seria miraculosamente libertado, ajudando o «verdadeiro papa» a fazer frente ao pseudo-papa. Depois de destruídas estas manifestações do mal, o Papa Angélico coroará o rei francês como imperador, e ambos reformarão a Igreja e realizarão a sétima e última cruzada à Terra Santa. Só depois disto é que terá lugar o *Millenium*<sup>36</sup>, durante o qual estará aprisionado Satã, e se viverá um período de paz sob o pontificado de três «papas angélicos»<sup>37</sup>.

É neste ponto que a abordagem de Telésforo se distancia da visão joaquimita, pois acredita que em 1260<sup>38</sup> – com os sofrimentos que Frederico II<sup>39</sup>

<sup>32</sup> *Prophetia Fratris Theolofof Heremitaie*, B. P. M. P., Nº 834, 6-7; M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 325.

<sup>33</sup> Frederico II foi excomungado várias vezes pelo Papa, e foi uma personagem tida como diabólica pelos primeiros joaquimitas. O nome «Frederico» ganha uma carga simbólica, e à volta desta personagem surge um verdadeiro mito. A ideia de que o imperador Frederico não morrera, ou de que haveria de ressuscitar persiste ainda em meados do século XIV... Nem o facto de o último imperador germânico sagrado em Roma, ter sido Frederico III (1440-1493) – um Habsburgo, que casaria em 1452 com D. Leonor, filha do rei D. Duarte de Portugal – fez desvanecer a esperança escatológica que teria como protagonista um imperador alemão... – J. DELUMEAU, *Mille Ans de Bonheur*, Paris, 1995 (*Mil anos de felicidade – uma história do Paraíso*, 1997), 78; François SECRET, *Guillaume Postel et les courrantes prophétiques de la Renaissance*, Studi Francesi, Società editrice internazionale, Nº 3, 1957, 378; Na obra original de Telésforo, aparece especificado Frederico III, o que não acontecerá na edição de Veneza – M. REEVES, *The Influence of prophecy...*, ed. cit., 326.

<sup>34</sup> *Prophetia Fratris Theolofof Heremitaie*, B. P. M. P., Nº 834, 42.

<sup>35</sup> E aqui é clara a influência do *Liber de Flore...* – M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 326.

<sup>36</sup> Esta palavra «milenarismo» no *Libellus* não tem um sentido literal. Significa, simplesmente, um período longo...

<sup>37</sup> *Prophetia Fratris Theolofof Heremitaie*, B. P. M. P., Nº 834, 43; 66. Neste ponto Telésforo serviu-se de uma profecia tirada do *Liber de Flore...* – M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 326.

<sup>38</sup> O quarto capítulo fala do «Papa Angélico» e dos três papas seus sucessores. Ganham aqui particular importância as figuras da libertação do Papa Angélico – que tinha sido preso pelo imperador Frederico III –, a coroação do rei de França, a prisão de Satanás – que duraria mil anos – e as imagens dos três papas que sucederiam ao «Papa Angélico». O quinto capítulo tem a forma de uma pequena história da Igreja, pela referência aos sucessivos cismas que a haviam apoquentado. Ainda se torna mais claro o apoio ao rei de França a quem é dado o papel essencial na resolução das diversas crises e no auxílio do verdadeiro

infligira à Igreja – terminara o segundo *status*, e o terceiro, em que o autor pensava estar a viver, é concebido como uma época não isenta de sofrimento e de mal, em que o imperador francês derrotaria a «águia alemã», inserindo desta forma o mito do «segundo Carlos Magno» no esquema do abade de Flora<sup>40</sup>... Terminado o terceiro *status*, o último anticristo seria libertado, provocaria o advento do exército de «Gog e Magog» – as forças do mal – e o mesmo imperador francês, com tropas a seu comando, destruiu-os-ia e deporaria a sua coroa no santo sepulcro<sup>41</sup>. Agora sim, o povo de Deus acolheria serenamente o fim, o Anticristo seria destruído e Satanás definitivamente preso<sup>42</sup>...

Portanto, no *Libellus*, embora se aceite o esquema trinitário, segue-se o delineamento da escatologia tradicional que concebia o fim da história como o desaparecimento do mundo, e não como uma época de paz e felicidade<sup>43</sup>. Apesar dessa pequena nuance, é uma síntese perfeita da tradição profética joaquimita aplicada ao serviço de uma campanha filo-francesa<sup>44</sup>.

### 1.1.1 – O exemplar da B.P.M.P.

A tradição manuscrita do *Libellus* desenvolveu-se em duas vias diversificadas: por um lado, na forma de manuscritos ilustrados, inseridos em coleções proféticas<sup>45</sup>; e por outro, em forma de textos relacionados com o cisma e as disputas conciliares da primeira metade do século XV<sup>46</sup>. Relativamente ao manuscrito da Biblioteca Municipal do Porto, pelo que podemos apurar – embora não tenha qualquer ilustração – tratar-se-á de uma cópia feita no século XVI – constituído pelo *Libellus*, a tradicional «Profecia do Segundo Carlos Magno», e

---

papa. O «último Anticristo» é o tema do sexto e último capítulo: o momento da sua aparição, a perseguição que efectivaria sobre a Igreja, a sua morte e destruição... – *Prophetia Fratris Theolofor Heremitaie*, B. P. M. P., Nº 834, 47-70.

<sup>39</sup> Frederico II, imperador Germânico de 1220-1250.

<sup>40</sup> Joaquim de Flora, nas suas obras, não atribuiu qualquer papel ao «imperador dos últimos dias». Não se põe a hipótese de um governante laico governar a cristandade. Fala num «novus dux» que levaria a humanidade a uma progressiva espiritualização que seria mais um sacerdote que um rei... Também neste sentido a mensagem de Joaquim de Flora sofreu um claro aproveitamento, inserindo-se no esquema do Abade de Flora as esperanças relativamente ao último imperador. Este seria inicialmente o «corrector Ecclesiae», e, num segundo momento, o «renovator mundi» – M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 327; J. DELUMEAU, *Mille Ans de Bonheur*, Paris, 1995 (*Mil anos de felicidade – uma história do Paraíso*, 1997), 77.

<sup>41</sup> *Prophetia Fratris Theolofor Heremitaie*, B. P. M. P., Nº 834, 63.

<sup>42</sup> *Prophetia Fratris Theolofor Heremitaie*, B. P. M. P., Nº 834, 65.

<sup>43</sup> R. RUSCONI, *L'Attesa della fine*, ed. cit., 177;

<sup>44</sup> M. REEVES, *The Influence of prophecy...*, ed. cit., 324.

<sup>45</sup> M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 328.

<sup>46</sup> R. RUSCONI, *Profezia e profeti...*, ed. cit., 127.

algumas outras profecias em verso – de um exemplar ilustrado... E, como veremos, só a profecia do imperador Carlos Magno sofreu claras apropriações...

Um dos exemplares mais antigos do *Libellus* é o da Biblioteca Apostólica Vaticana – Reginense Latino 580<sup>47</sup> – que tem, juntamente com os textos, muitas ilustrações em cores garridas, em aguarela – processo que possibilitava uma feitura rápida e pouco dispendiosa, e que poderá indiciar que se pretendia uma difusão célere e para um público vasto...

Se compararmos o inícios dos exemplares da B.A.V. e da B.P.M.P., por exemplo, reparamos que – embora claramente análogos na predisposição do texto em duas colunas – enquanto o primeiro tem o carácter capital «M» profusamente decorado com folhas de videira, tendo no seu interior um frade que aponta com a mão direita para um livro aberto que sustém na esquerda, o exemplar do Porto – para além de não ter escrita a capital, como nunca tem ao longo de toda a obra –, está privado de qualquer adorno<sup>48</sup>.

Em várias partes da obra fica particularmente clara a conexão que o texto de partida tinha com as ilustrações: na fracção em que fala dos três papas angélicos há vários parágrafos introduzidos pela expressão «hic est», como que implicando a reprodução; depois da descrição do recolhimento de Satanás, e no momento em que aparecem os exércitos de Gog e Magog, no manuscrito da Biblioteca Vaticana representam-se essas manifestações do mal em forma de dois exércitos a cavalo, liderados por dois reis, e empunhando lanças. Sob o monte que pisam, estão duas figuras humanas que simbolizam as dez tribos de Israel<sup>49</sup>; no manuscrito do Porto, depois da legenda «Montes in regno modoi in quibus incluse sunt decem tribus Ysrael et Gog et Magog» – como que se esboça uma ilustração escrevendo-se à margem «Flume Gaza. Prophetia de ultimo anticristo...»<sup>50</sup>, o que comprova que o copista tinha à frente um exemplar que ilustrava a cena da perseguição do Anticristo até um lago de fogo...

---

<sup>47</sup> Relativamente à data da sua feitura as teses divergem: M. Reeves data-o de 1387, outros – como o professor Roberto Rusconi – situam-na na primeira metade do século XV – M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 328; R. RUSCONI, *L'Attesa della fine*, ed. cit., 173; Paola GUERRINI, *Propaganda Política e profezie figurate nel Tardo Medioevo*, Napoli, 1997, 27.

<sup>48</sup> Outros exemplares quatrocentistas ilustrados – embora com pequenas variantes: Biblioteca Nacional Universitária de Torino – Ms. G. IV.8; Biblioteca Marciana de Veneza – Ms. Lat. III 177 (2176); Biblioteca Nacional de Florença – Ms CL. XX 28; Bayerische Staatsbibliothek do Mónaco – cód. Lat. 313; Biblioteca Universitária de Bolonha – Ms. 1577; Biblioteca Universitária de Salamanca – cód. 2667.

<sup>49</sup> R. RUSCONI, *L'Attesa della fine*, ed. cit., 171.

<sup>50</sup> *Prophetia Fratris Theolofor Heremitaie*, B. P. M. P., N° 834, 65; Segundo Paola Guerrini esta ilustração pode ter sido inspirada no «De natura rerum» de Isidoro de Sevilha que representa o universo como tendo forma circular e estando circunscrito pelo oceano... – Paola GUERRINI, *Propaganda Política*, ed. cit., 34.

Outro argumento, é o facto de o exemplar da B.A.V., depois de terminado o *Libellus* propriamente dito, ter, ilustradas e comentadas, algumas passagens do Apocalipse<sup>51</sup>. É o que acontece no exemplar do Porto: na página setenta termina o *Libellus* – «Explicit liber fratris Theolofori presbiteri heremite de cognitione presentis scismatis ac Statu Universalis Ecclesie usque ad fine seculi. Deo Gratias»<sup>52</sup> – e seguem-se sete pequenos fragmentos que no texto de partida comentariam sete ilustrações

Portanto, parece-nos claro que estamos perante uma cópia do exemplar da B. A. V. – ou de um outro análogo. E sabendo nós que o manuscrito analisado por Paulo Guerrini é um dos mais antigos exemplares do *Libellus*, o manuscrito do Porto poderá corroborar o que aquela estudiosa formaliza em jeito de hipótese: as versões não ilustradas do *Libellus* terão sido posteriores; ou, por outras palavras, originariamente, o livro de Telésforo teria sido uma obra ilustrada<sup>53</sup>...

No entanto o exemplar do Porto «não é sempre» uma cópia empobrecida do possível texto de partida. Em alguns momentos resultou de alterações, de modificações do texto original... Tradicionalmente encontra-se anexa à obra uma profecia sobre o «segundo Carlos Magno», o *Carolus redivivus*, que seria o último imperador de origem francesa. Muito provavelmente não foi escrito pelo autor ou autores do *Libellus*... M. Reeves e Chaume chamaram precisamente a atenção para o facto de existirem outras versões desta profecia, escritas na Côte d'Or pelos anos 1381, 1382, compostos em honra de Carlos VI<sup>54</sup>. Trata-se de um texto muito manipulado e reajustado não só na sua estrutura como nos termos e na linguagem que utiliza<sup>55</sup>.

Normalmente – como acontece no manuscrito que analisamos – as modificações são de pouca monta, mas suficientes para darem ao texto um sentido e uma perspectiva totalmente diferentes... Confrontando ainda a versão do Manuscrito da Biblioteca Apostólica Vaticana com a do Manuscrito da Biblioteca Municipal do Porto, detectam-se alterações cirúrgicas<sup>56</sup>...

---

<sup>51</sup> R. RUSCONI, *L'Attesa della fine*, ed. cit., 180.

<sup>52</sup> *Prophetia Fratris Theolofor Heremitaie*, B. P. M. P., Nº 834, 70.

<sup>53</sup> Paola GUERRINI, *Propaganda Politica*, ed. cit., 33.

<sup>54</sup> M. REEVES, *The Influence of prophecy...*, ed. cit., 329.

<sup>55</sup> R. RUSCONI, *L'Attesa della fine*, ed. cit., 183. Carlos VI, o Bem-amado (1368-1422). Filho de Carlos V, reinou a França entre 1380 e 1422. Inicialmente governou sob a tutela de seus tios que dilapidaram as economias do reino e provocaram revoltas populares pelos impostos que impuseram. Em 1582, com efectivos poderes de decisão, afastará os seus tios e substitui-los-á pelos «Marmousets» – antigos conselheiros de seu pai, e opor-se-á aos flamengos. Em 1392 cairá num estado de loucura, e a França, governada por sua esposa Isabel da Baviera, entrará num período de generalizada desordem devido aos conflitos entre Borguinhões e Armagnacs.

<sup>56</sup> O referido exemplar da Biblioteca Universitária de Salamanca, para além de se distinguir no aspecto gráfico, por ser grafado numa só coluna de texto, está privado desta profecia – Biblioteca Universitária de Salamanca, cód. 2667, 58 r.

«Karolus filius Karoli ex natione illustrissimi Lili habens frontem longam, supercilia alta, oculos longos, nasum aquilinum, circa sue etatis annum XIII coronabitur et in anno XIII magnum exercitum congregabit omnesque tirampnos sui rege destruet. Nam ut sponsa cum sponso sic erit justicia sociata cum eo; usque ad XXIII annum suum deducet bella, suiugans Anglicos, Hyspanos, Aragones, Burgales, Lungobardos, Ytalicos; Romam cum Florentia destruet et igne comburet, duplicem coronam obtinebit, postmodum mare transiens cum exercito magno intrabit Greciam. Et Rex Grecorum nominabitur. Caldeos, Thucenos Yspanos, Barbaros, Palestinos, Giorgianos subiugabit, faciens edictum ut quicumque Crucifixum non adoraverit morte moriatur et non erit qui possit ei resistere, quia divinum brachium semper cum ipso erit et fere dominium universe terre possidebit. His factis sanctus sanctorum vocabitur, veniens ad sanctam Jerusalem et accedens ad montem Oliveti, orans ad Patrem deponensque coronam de capite, Deo gratias agens cum magno terremotu, signis et mirabilibus, emittet spiritum suum anno regni XXXI. Hic coronatus erit ab Angelico pastore et primus Imperator post Federicum tertium, post presens scisma et tribulationes et persecutiones pseudo-prophetarum et dicti Federici»<sup>57</sup>.

«Karolus filius **Philipi** ex natione illustrissimi Lili habens frontem longam, supercilia alta, oculos longuos, nasum aquilinum, circa sue etatis annum **XXIII** coronabitur in anno **XXbII** omnesque tirampnos sui rege destruet. Nam ut sponsa cum sponso sic erit justicia sociata cum eo; usque ad XXIII annum suum deducet bella, suiugans Anglicos, Yspanos, Aragones, Burgales, Longibardos, Ytalicos; Romam cum Florentia destruet et igni comburet, duplicem coronam obtinebit, postmodum mare transiens cum exercito magno intrabit Greciam. Et Rex Grecorum nominabitur. Caldeos, Turenos **ut Turcos, Ysperos**, Barbaros, Palestinos, Giorgianos subiugabit, faciens edictum ut quicumque Crucifixum non adoraverit morte moriatur et non erit qui possit ei resistere, quia divinum brachium semper cum ipso erit et fere dominium universe terre possidebit. His factis sanctus sanctorum vocabitur, veniens ad sanctam Jerusalem et accedens ad montem Oliveti, orans ad Patrem deponensque coronam acapite, Deo gratias agens cum magno terremotu, signis et mirabilibus, emittet spiritum **sui** anno regni XXXI. Hic coronatus erit ab Angelico pastore et primus Imperator post Fredericum tertium, post presens scisma et tribulationes et persecutiones pseudo-prophetarum et dicti Frederici»<sup>58</sup>.

Repare-se que aqui, o «segundo Carlos Magno» consegue converter o seu império num estado de beatitude e santidade, depois do qual depositará a sua coroa

<sup>57</sup> Vat. Ms. Reg. Lat. 580, f. 52 – M. REEVES, *The Influence of prophecy...*, ed. cit., 328.

<sup>58</sup> *Prophetia fratris Theolofor Heremitaie*, B.P.M.P., N° 834, 72.

no monte das oliveiras – não no Gólgota – não havendo, portanto qualquer referência ao confronto com o Anticristo... A grande inovação está na frase final em que se situa a vinda do segundo Carlos Magno depois dos falsos profetas e de Frederico III.

Durante os primeiros anos do reinado de Carlos V, assistiu-se a uma tentativa de revitalizar a mitologia acerca da figura do imperador que teria um papel histórico e universal: a missão de purificar a igreja e unificar na fé o género humano<sup>59</sup>.

Recorde-se que Filipe, morreu em 1506, e Maximiliano, o seu pai, em 1519. E os «olhares proféticos» – no dizer de Delumeau – principalmente depois do fracasso de Carlos VIII<sup>60</sup> em Itália, e ao aproximar-se a eleição imperial de 1519 viraram-se para o «novo Carlos Magno». Multiplicam-se as profecias que punham no neto dos reis católicos e de Maximiliano a esperança da concretização de um império em que, juntamente com os «papas angélicos», se purificasse a igreja e se vivesse em paz durante a «sétima idade» até ao juízo final...<sup>61</sup>

São exemplificativas desta corrente algumas obras do cardeal Egídio de Viterbo, superior dos Agostinhos<sup>62</sup>. Na *De historia viginti saeculorum*, escrita em 1513 e 1517, e na *Scechina*<sup>63</sup>, escrita em 1530, concentram-se as esperanças de que no reinado de Carlos V se efectivasse a renovação e conversão do mundo<sup>64</sup>... Repare-se que a última obra – *Scechina* – foi escrita depois do saque de Roma em 1527, o que prova que este acontecimento não frustrou as expectativas relativamente ao reinado do rei espanhol. Pelo contrário, para muitos era agora mais clara a sua missão há tanto anunciada, de punir a «babilónia moderna», de castigar a igreja pecadora. A ida do imperador a Bolonha em Novembro de 1529, e a sua coroação pelo papa nessa cidade no ano seguinte, suscitaram a reedição de profecias que falavam do novo «Carlos Magno» como protector da igreja de Deus<sup>65</sup>...

<sup>59</sup> R. RUSCONI, *Profezia e profeti...*, ed. cit., 299.

<sup>60</sup> A campanha de Carlos VIII em Itália, pareciam uma clara confirmação das profecias relativas ao segundo Carlos Magno. Quando Savonarola se encontrou com ele em Pisa – em 9 de Novembro de 1494 – considerou-o um «enviado de Deus» para punir e reformar a Igreja. As pretensões do rei francês, no entanto, frustrar-se-iam... – J. DELUMEAU, *Mil anos de felicidade...*, ed. cit., 89.

<sup>61</sup> J. DELUMEAU, *Mil anos de felicidade...*, ed. cit., 82.

<sup>62</sup> Não é um caso isolado: Pedro Galatino, por exemplo, escreveu um comentário ao Apocalipse dedicado a Carlos V – François SECRET, *Guillaume Postel et les courrantes prophétiques...*, ed. cit., 379.

<sup>63</sup> François SECRET, *Guillaume Postel et les courrantes prophétiques...*, ed. cit., 380; J. DELUMEAU, *Mil anos de felicidade*, ed. cit., 83.

<sup>64</sup> J. DELUMEAU, *Mil anos de felicidade...*, ed. cit., 83.

<sup>65</sup> J. DELUMEAU, *Mil anos de felicidade...*, ed. cit., 84.

Por estas razões, pensamos que, com muita probabilidade, o manuscrito da B.P.M.P. teria sido escrito numa altura em que se pensava que o *Libellus* favorecia e explicava os «exercícios políticos» de Carlos V, talvez até depois da tomada de Roma em 1527<sup>66</sup>...

### 1.2 – A Edição impressa de 1516

Em Veneza, pelos mesmos anos, um pequeno grupo de frades agostinhos – entre os quais se destacava Silvestre Meuccio – que vivia perto daquela cidade, imprimem uma série de obras proféticas. Entre os anos 1516<sup>67</sup> e 1527 deram à estampa todas as obras que pensavam ser da autoria de Joaquim de Flora, publicando em primeiro lugar a «Expositio in librum beati Cirilli»<sup>68</sup>. Não se sabe que exemplar é que teria sido utilizado por Meuccio<sup>69</sup>, sendo certo, no entanto, que esta primeira edição impressa inova em muitos aspectos relativamente aos exemplares até aí conhecidos...

Em primeiro lugar, as figuras ganham outras tonalidades: Por um lado, os editores, de uma forma clara, usam o ideário joaquimita para defesa e promoção da sua ordem<sup>70</sup>... Nesta edição – e é a primeira vez que se faz esta associação – o papa angélico seria um eremita agostinho: «Hic angelus ostendit manu legatis seu ambasciatoribus sancte unionis ecclesie: religiosum nigra cucula indutum ut sunt Eremitani sancti Augustini»<sup>71</sup> –, assim como se põe toda a

<sup>66</sup> D. João de Castro diz ter tirado a profecia do «segundo Carlos Magno» – que não refere desta forma – de um livro intitulado «Onus Ecclesiae» onde se davam algumas notícias sobre a sua origem: «O Author que isto refere no capitulo quarenta e oito, diz que esta Propheçia, se este nome mereçe, apareço e começou de correr em Italia no ano de mil, e quinhentos e çinco, depois do nascimento do Emperador Carlos Quinto, por quem se dizia» – D. João de CASTRO, *A Aurora*, ed. cit., 371 r.; 372 v.

<sup>67</sup> Só em 1516, em Veneza, houve duas edições do *Libellus* – M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 328.

<sup>68</sup> M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 262; Na mesma obra, algumas páginas à frente, diz que a primeira obra editada foi o *Libellus...* – M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 328; MCGINN, *Circoli gioachimiti veneziani (1450-1530)*, in *Cristianesimo nella storia*, 7 (1986), 19-39; R. RUSCONI, *Profezia e profeti...*, ed. cit., 169-79.

<sup>69</sup> Provavelmente a principal fonte teria sido a compilação de Fr. Rusticiano, um estudioso e compilador de profecias que viveu em meados do século XV. Um Domenico Morosini, um veneziano colecionador e tradutor de profecias, pediu-lhe que ordenasse o *Liber de magnis Tribulationibus* atribuído a Telésforo de Cosenza, por o considerar extenso e confuso... Desse trabalho resultou uma condensação do texto de partida ao qual acrescentou outras profecias que, na sua interpretação, lhe pareciam contíguas, como seja as de Vicente Ferrer, de S. Brígida da Suécia – MCGINN, *Circoli Gioachimiti Veneziani...*, ed. cit., 21; M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 262.

<sup>70</sup> M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 262.

<sup>71</sup> Paola GUERRINI, *Propaganda Politica*, ed. cit., 38. Um dos colegas de Silvestre Meuci era Bernardino Parentino, um eremita místico de Pádua, tido pelo grupo Agostinho de Veneza como um verdadeiro iluminado. O responsável pela edição de 1516 escreveu sobre ele: «Idcirco te pater mi Benardine vir Dei extatice (quem spiritum prophetie habere proculdubio novi) obsecro ut solitas previas,

esperança – relevando neste sentido as profecias de Merlim – num «príncipe santo inglês» que reformaria a vida do seu povo, e, com o capitão geral da república veneziana conseguiria subjugar os infiéis...

É muito importante referir ainda que, nesta edição de 1516 – embora a figura do imperador alemão continue a ser apresentada como o coroado pelo antipapa –, todas as referências a Frederico III foram tiradas; assim como se elimina o nome de Carlos, apesar de o rei de França continuar a ser apresentado como o soberano justo e escolhido para ser coroado imperador pelo papa-angélico... Isto percebe-se pelo facto de Francisco I – rei de França de 1515-1547 – aspirar, por aqueles tempos, à coroa imperial, e o *Libellus*, impresso em Veneza – a cidade que desempenhou um papel fulcral na luta contra o turco –, e em 1516 – quando se esperava a realização de uma cruzada –, foi retocado de forma a promover o papel futuro do rei francês<sup>72</sup> em detrimento do seu concorrente mais próximo Carlos V<sup>73</sup>... Neste contexto, ganharia ainda maior pertinência a hipótese de o exemplar do Porto ser uma cópia que teria como pretensão desacreditar aquelas leituras e promover o partido do rei católico...

\*\*

Na segunda metade do século, essa «fama do Telésforo» continua. Em França, por exemplo, foi traduzido e impresso com o título *Livre Merveilleux*<sup>74</sup> – provavelmente por Guillaume Postel –, em Ruão e Paris, em 1561, 1565, 1588<sup>75</sup>. O ambiente cultural português não ficou imune à influência desta obra. Recordemos que nas últimas décadas do século XVI – em 1578 é o ano da enorme tragédia de Alcácer-Quibir, e em 1580 vê-se desprovido do seu rei e da sua independência – Portugal tornou-se um zeloso sugador de textos proféticos de diferentes origens e tonalidades. Um dos principais difusores foi. D. João de Castro – neto do famoso Vice-Rei da Índia –, o primeiro e maior responsável pela congeminção e divulgação do mito sebastianista, que viajou, envolvido na causa de D. António, Prior do Crato, por Inglaterra, Veneza, Florença e França – recorde-se que escreveu toda a sua obra em Paris... –, grandes centros criadores dessa bibliografia, contactando e tendo como fonte dos seus tratados os principais esteios da literatura profética.

---

crebas, charitatisque fervore conspersas preces ad Dominum fundas, quem non ambigo tibi ea revelaturum que vera sunt proficuaque fidelibus suis» – M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 263.

<sup>72</sup> Recorde-se que, por aqueles anos, análogos propósitos tiveram outras obras como a colectânea de Profecias intitulada *Mirabilis Liber...*

<sup>73</sup> Paola GUERRINI, *Propaganda Politica*, ed. cit., 43.

<sup>74</sup> Não se confunda com o *Liber Mirabilis*, obra anónima, que começou a ser publicada em Veneza em 1514. Apesar de serem distintas, é um facto que tinham intenções afins: desenhar um programa escatológico em que o papa santo e o rei de França realizariam o programa habitual...

<sup>75</sup> M. REEVES, *The Influence of Prophecy...*, ed. cit., 328.

Em várias das suas obras, o livro de Telésforo é uma fonte privilegiada<sup>76</sup>. Em *A Aurora*, um tratado de profecias escrito em Paris em 1604, refere, pelo menos, duas edições – de 1508<sup>77</sup> e de 1516<sup>78</sup> – abundantemente citadas e comentadas, claro está, como vaticínio das tribulações e do futuro imperial do desaparecido rei D. Sebastião...

Também nesta altura, a autoridade do texto em causa tinha muito a ver com a virtude e o mérito que este Telésforo conseguira pela experiência eremítica. «Sobre tudo isto advertiremos – diz-nos D. João de Castro – que Theolosforo nam teve dom de propheçia; mas foi hum santo hermitam, o qual por sua virtude, e grande zello, mereçeo ter hũa revelaçam de Deos, pella qual escudrinhou, e aiuntou grande soma de Propheçias, interpretandoas conforme as entendeo»<sup>79</sup>.

No essencial, adopta o «programa do *Libellus*» sustentando a grande tribulação da Igreja, o novo cisma que suportará, o papa Angélico e os antipapas, reservando para D. Sebastião o papel que em Telésforo é dado ao rei de nome «Karolus».

D. João de Castro, como em muitos outros momentos, é subtil na resolução do impasse. Não põe em causa a «revelação de Deus» de que Telésforo usufruiu – recorde-se a visão de um anjo que lhe revelou que os segredos sobre o porvir estavam nas profecias Cirilo, Joaquim de Flora, Merlim, as Sibilas... –, mas relativiza a interpretação que o eremita faz – «interpretandoas conforme as entendeo». Um pouco depois dirá ainda, referindo-se ao mesmo autor: «falla interpretativamente, segundo entendeo as profecias: enganandose por vezes açerca do Reyno de França, e Rey della, como tambem em outras cousas. No que nam he de estranhar, e menos de reprender, vista a escuridam das profecias; os nossos tempos em que se ellas cumprem, tam longe dos seus; e os grandes e apparentes fundamentos, que pera isso achou»<sup>80</sup>.

<sup>76</sup> Já no *Tratado da Quinta Monarquia* – iniciado em 1597 – cita o Telésforo, no entanto, não sabemos se já nessa data tinha conhecimento dessa fonte, visto que esta obra foi alterada em 1601...

<sup>77</sup> «Neste capitulo presente recapitularemos alguns vatiçinhos do antiquissimo Merlim, natural de Inglaterra, assi como os refere Theolosforo de Cusençia no seu Livro das grandes tribulaçoens, e Estado da Igreja: sendo o volume donde isto tiramos, impresso em Sena çidade de Italia, no anno de Mil, e quinhentos e oito. O qual foy ordenado, e augmentado pello Mestre em Theologia, Frey Silvestre de Castiglione, da Ordem de Santo Agostinho» – D. João de CASTRO, *A Aurora*, ed. cit., fl. 532 v.

<sup>78</sup> «Pera que entendam como ella relluz nos mysterios de que imos fallando: saberam, que no livro de Theolosforo reformado e impresso por frey Silvestre Mençio de Castillione, professor em Theologia, impresso digo no ano de Mil e quinhentos e dezasseis; esta hũa oraçam com sua antiphona que se ha de dizer em aççam de graças pollo dito Emperador, depois que for eleyto.» – D. João de CASTRO, *A Aurora*, ed. cit., 211 v.

<sup>79</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora*, 189 v.

<sup>80</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora*, 1138 v.

Noutros pontos dá a entender que essas «dissonâncias» poderiam ter sido fruto de adulterações ou erradas extrapulações dos vários editores do livro do eremita de Cosenza. Ainda n'A *Aurora* refere a páginas tantas: «Neste capítulo presente recapitularemos alguns vaticínios do antiquíssimo Merlim, natural de Inglaterra, assi como os refere Theolosforo de Cusençia no seu Livro das grandes tribulaçoens, e Estado da Igreja: sendo o volume donde isto tiramos, impresso em Sena çidade de Italia, no anno de Mil, e quinhentos e oito. O qual foy ordenado, e augmentado pello Mestre em Theologia, Frey Silvestre de Castiglione, da Ordem de Santo Agostinho: sendo ja dantes por Rusticano alterado. Polla qual causa estam as cousas de maneira dispostas nelle, que muytas vezes se nam pode disçernir qual dos Authores he o que falla; nem o que he interpretativo, ou vaticinado»<sup>81</sup>.

Portanto, para D. João de Castro tudo esta correcto à excepção da errada identificação do «imperador dos últimos tempos», como da visão apocalíptica do fim dos tempos...

Para além de adoptar o «programa», é evidente a «contaminatio» entre a descrição que faz rei português desaparecido e a figura do rei/imperador desenhada no livro de Telésforo<sup>82</sup>. Os extractos que tira do *De magnis tribulationibus* são essencialmente para dar forma à feição espiritualizada do rei português, para o caracterizar como «filho amado», «justo», «bendito», «santo»<sup>83</sup>.

<sup>81</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora*, 532 v.

<sup>82</sup> J. DELUMEAU, *Mil anos de felicidade...*, ed. cit., 78.

<sup>83</sup> «Vocabit enim Dominus sibi dilectum filium Regem, <germen> iustum, e benedictum: qui propter peccata populi in terra salsuginis extitit in carcere; quem Divina Maiestas eximet a vinculis verecundis. Hunc Imperatorem peculiariter Summus Pontifex eliget, ut imperet e regnet usque ad tempora novissima. Em nossa linguagem diz assi: Chamara o Senhor a El Rey, seu filho amado, gomo justo, e bendito: o qual pollos pecados do povo esteve em o carcere na terra de agua salgada: a quem a Magestade Divina tirara miraculosamente de cadeas vergonhosas. A este elegera particularmente o Summo Pontifice por Emperador pera que impere, e reyne ate os derradeiros tempos. Apos a dita profecia segue-se logo no dito tratado o seguinte: Coroa o Santo Pastor ao Santo Rey, o qual refusa ser coroado com coroa d'ouro: e humilmente agoelhándose, pede que o seja com coroa de espinhos, em reverencia de Iesu Christo Rey dos Reys, de cuja paixam tras continuamente a memoria em seu coraçam» – D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit. fl. 188 v.; «No livro de Theolosforo estam as pallavras que o Papa Angelico ha de dizer na coroaçam Imperial D'el Rey Dom Sebastiam: as quaes dizem assi: *Reçebei filho meu, amado de Deos, a coroa de Espinhos, que muy humilde e affincadamente pedis, e verdadeiramente desejas, por amor daquelle que se pos na Cruz por nos, e nos remio com seu proprio sangue. E tomaí na vossa mam direita o Estandarte de sua Santissima Cruz, em cujo sinal sereis vencedor. Porque isto vos diz o Senhor dos exercitos: Hoje te tomei, e te elegi, e ungi com meo Santo oleo, servo meu, pera Capitam do meu povo: e puste como meu signaculo, e sinete de minhas Armas. Nam vençeras em exercito nem em força, mas em meu espirito. Conforta e see robusto, e nam hajas medo: porque eu sou contigo. Nam te deixarei, nem desepararei em tudo o que cometeres. E tomarte hei pella tua mam direita pera que sogeite as gentes ante tua presença, e faça dar as costas aos Reys. E abrirei ante ti as ianuas: e as portas nam se çerraram. Eu irei diante, e humilharei os gloriosos da terra. Espedaçarei as portas de metal: e as trancas de ferro quebrantarei. E darte hei tesouros escondidos: e descubrirte hei segredos de segredos.*

Recorde-se que depois da morte de D. António – em 1595 – vários portugueses – muitos deles antigos antonistas, acreditam e envolvem-se com Marco Túlio – um indivíduo – aliás o quarto desde 1580<sup>84</sup> – que em 1598, em Veneza, passou a ser tido como o ignorado rei D. Sebastião.

Naturalmente, havia a necessidade de justificar os dezoito anos de ausência, de dar sustentabilidade à esperança que tinham. Certamente sofrendo uma clara influência das profecias relativas ao «quinto império» e ao «último imperador», foi ganhando consistência a ideia de que o monarca português, por opção, decidira viver um período como eremita, de forma a que se penitenciasse, purificasse e moldasse com a imagem de Cristo<sup>85</sup>...

Nos meses que antecederam a libertação do preso de Veneza – antes de o terem visto – enviaram missivas para muitos portugueses influentes. Foi o que aconteceu com o prestigiado Fr. José Teixeira que vivia na corte francesa<sup>86</sup>. Numa obra que publica em 1601 divulga no meio parisiense as notícias bombásticas, e as provas que os seus conterrâneos lhe enviaram de Veneza. Consta nessa documentação uma carta de Fr. Estêvão de Sampaio – de 12 de Outubro de 1600 –, e uma de D. João de Castro – 6 de Novembro do mesmo ano. Ao contrário da primeira, a missiva do autor de *A Aurora* – recorde-se que estes portugueses não tinham ainda visto o preso – tenta preencher os vazios, e dar sentido aos anos em que vivera encoberto, peregrinando e vivendo uma fervorosa experiência eremítica<sup>87</sup>.

---

*E onde quer que poseres os pes, sera vosso. E quem podera resistir? diz o Senhor dos exercitos:»* – D. João de CASTRO, *A Aurora*, 92 r.; «O mesmo Author ajunta logo apos estas pallavras, as seguintes: *Este he o Príncipe e Santo, de que Merlin dis no capitulo vinta seis do terceiro livro: Os bons Marinheiros que habitam a grande ilha do mar, emendaram sua vida, mais que todos os homens do mundo: e teram hum Príncipe Santo, o qual ainda em vida resplandeçera com innumeraveis milagres: por cujos mereçimentos conçedera Deos grandes doens aa sua gente* – D. João de CASTRO, *A Aurora*, 534 v.

<sup>84</sup> Saliente-se que também o primeiro e o segundo «falsos D. Sebastião» – o de Penamacor e o da Ericeira, respectivamente – se apresentaram como eremitas...

<sup>85</sup> Veja-se a analogia com o mito sobre Frederico II: depois da sua morte prematura em 1250 – prematura, porque, segundo as profecias, só em 1260 realizaria a sua intervenção escatológica – desmoronaram-se todas as expectativas relativamente à sua missão profetizada. Não tardaram os rumores de que não tinha morrido mas partido, por sua vontade, cumprindo um período de penitência como eremita e peregrino. No sul de Itália a frase enigmática «vivit et non vivit» manifestava a fé irracional de que – como tantos outros heróis – o imperador Frederico se escondera no interior do Etna de onde sairia no momento conveniente. Alguns anos depois de 1260, apareceria um «falso Frederico» que vivia nas costas do Etna e que mobilizou muitos que viviam com essa esperança. E este caso não foi o único... – Norman COHN, *Na Senda do Milénio...*, ed. cit., 93; J. DELUMEAU, *Mil anos de felicidade...*, ed. cit., 78.

<sup>86</sup> José TEIXEIRA, *Adventure admirable par dessus toutes autres des siecles passez et presents. Qui contient un discours touchant les succez du Roy de Portugal, Don Sebastien...*, s. 1., 1601, 50.

<sup>87</sup> «Et ayant couru la meilleure partie du môde. Sur la fin de sa peregrination il se resolut de vivre en hermitage, où depuis quelque temps luy fut inspiré de Dieu, qu'il retourmast en Portugal gouverner son Royaume» – José TEIXEIRA, *Adventure admirable...*, ed. cit., 72; Parece-nos de facto que é D. João de

No *Discurso* – uma obra escrita em 1602 – num capítulo intitulado «De como desapareceu El Rey Dom Sebastiam: do seu tempo de Encoberto, e do seu apparecimento»<sup>88</sup> –, D. João de Castro, tendo como única fonte – como refere – o que o rei teria dito pela sua própria boca e escrito com sua própria mão, conta que depois de escapar ferido da batalha de África com o Duque de Aveiro, o Conde de Redondo, o conde de Sortelha, Cristóvão de Moura e outro Fidalgo cujo nome se não recorda, teria vindo embarcado para Portugal. «Sentindo eele – diz o sebastianista – mais a afronta do desbarato, que a perda do reyno, não quis reinar nem apparecer diante [de] quem o conhecesse<sup>89</sup> (...) Andando correndo o mundo, açhouse em muytas guerras, desafogando a inclinação dellas: nas quaes recebeo muytas feridas: açhandose principalmente nas de Persia contra o Turco. Vio toda a Europa: muy grande parte da Asia: e algũa de Africa: estando no Preste Ioão, e noutros reynos pello interior della. E sendo insaciavel em ver e correr o mûdo, sem ja mais se fartar, nem cansar: chegou o termo, que desenganado e enfastiado delle: tocado de Deos, determinou deixalo: fazer penitencia e santa vida la por essa regioẽns remotas, onde acabasse seus dias. Pera este fim escolheo a companhia de hũ santo hermitão, em a qual esteve algũ tempo aproveitando em virtudes naquella vida solitaria, como todos os estrangeiros, que o tem visto e conversado, testemunhã. Deos que por sua ordem o tinha ally escondido a aprender, pera quando fosse tempo: mandoulhe em visoẽns, e revelaçoẽns, que deixasse aquella vida, e viesse guovernar o seu Reyno: descobrindolhe altissimos segredos, o pera que o mandava. Elle, fazendoselhe difficultosissimo deixala, pollo espirito e resolução della: e sobre tudo parendolhe que eram illusoẽns do Diabo pera o inquietar e tirar daquella perfeição: não deu por nada por mais que lho Deos mandava. Ateque aquelle Senhor incomprehensivel êfadado disso: descobrio o mesmo ao santo hermitão seu companheiro: mostrandose muy agastado da desobediência: e mandandolhe que o aconselhasse, e lhe disesse da sua parte que logo obedecesse. O que fez aquella santa personagem: dizendolhe o que lhe Deos mandava, e misterios pera que o tornava ao mundo, e a guovernar seu reyno»<sup>90</sup>.

---

Castro o principal feitor desta «biografia, dessa «literatura da diáspora». É o que acontece no *Discurso* – D. João de CASTRO, *Discurso da vida do sempre bem vindo, e apparecido Rey D. Sebastião, o Encuberto des de seu nascimento ate o presente: Feito, e derigido por D. João de Castro aos Tres Estados do Reyno de Portugal*. Paris, impresso por Martin Verac, 1602, 63 v. e sgts –, e no *Segundo Apparecimento* – D. João de CASTRO, *Segundo Apparecimento del Rey D. Sebastião...*, ed. cit., 71 v. e sgts.

<sup>88</sup> D. João de CASTRO, *Discurso...*, ed. cit., 59 v.

<sup>89</sup> D. João de CASTRO, *Discurso...*, ed. cit., 60 r.

<sup>90</sup> Se confrontarmos o *Discurso* com o *Segundo aparecimento*, constatamos que a versão da segunda obra segue de perto a primeira. Muitas vezes copia partes *ipsis verbis*, depois risca e põe por cima palavras e expressões diferentes...; outras vezes, não faz mais que mudar os tempos verbais... – D. João de CASTRO, *Discurso...*, ed. cit., 60 v.

A vida eremítica – inicialmente uma fuga e uma mortificação... – foi a forma que a «vontade divina» escolheu para lapidar, moldar uma personagem santa. Na versão do sebastianista, nunca mais o rei português deixaria esse estado de asceta... Mesmo depois de preso em Veneza, passando por extremas misérias, comido por piolhos e imundice, vivia no mesmo retiro espiritual: «o seu exercício na prisão era o mesmo que quando livre: tudo oração, até se levantar a ella de noite. Teve algũas visoẽns (...) e arrebatamentos testemunhados pellos presos: que nelles o tiveram por morto, ou perto disso. Ieiuava quasi toda a somana: sextas e sabados a pão e agua: não comia carne que aos Domingos e quintas: e aas vezes aas segundas, ou terças: indaque não de ordinario: aas quartas sempre ieiuava. No anno de 1600 fez tres Coresmas: he inimigo de cozido, e muyto amigo d'assado muyto tostado: he de muyto pouco comer e beber. Não obstante tanta abstinencia, viramselhe no carce forças incrediveis. Confessavasse e comungava todas as festas, e vezes que se lhe permitia: fazendoho cada oito dias quando estava em sua liberdade. Dos cinco cruzados que lhe davam cada mes gastava o mais em missas: mandandose encommendar muyto nas oraçoẽns de pessoas religiosas de boa vida: e pretendendo saber por ellas o que Deos determinava delle»<sup>91</sup>.

Pelos vistos, em pouco tempo o falso rei decorara a biografia que lhe diziam ser sua. Fr. Crisóstomo, um dos padres envolvidos e julgados, contou que só no segundo encontro com Marco Túlio se convenceu de que o preso falava verdade. Confessou que quando referiu, propositadamente, para o por à prova, a empreitada de África e os danos que trouxe a Portugal, o pretenso rei não conseguiu sustentar um ataque de comoção e um choro vigoroso. E foi com lágrimas nos olhos – contou o frade –, que o preso lhe confidenciou como ficara interiormente esmigalhado, se tornara eremita, como lhe fora despertando no coração uma vontade enorme de fazer esmolas, socorrer os mais necessitados, lutar contra os infiéis, e com estas causas gastar todas as suas rendas... Teria sido com este intuito que deixou o retiro espiritual em que vivera<sup>92</sup>...

Entre as cartas que foram encontradas em posse de um outro envolvido – Fr. Estêvão de Sampaio – constava uma escrita pelo próprio e dirigida a Marco Túlio na altura em que cumpria pena nas galés. O principal propósito da missiva era aconselhar o calabrês relativamente à forma como se haveria de comportar para que o que projectavam não se malograsse. Deveria dizer – aconselha o padre – «que solo pretendia ser un pobre hermitano de manera que no sintiessen en el spiritus reales y pretensiones y abundancia de dinero porque por este camino se perderia y sospecharian mal de su persona»<sup>93</sup>.

<sup>91</sup> D. João de CASTRO, *Discurso...*, ed. cit., 72 r.

<sup>92</sup> A.G.S., *Estado*, maço, 438-1, 39 v.

<sup>93</sup> A.G.S., *Estado*, maço, 197, [122].

A páginas tantas, no já citado *Discurso*, o autor é claro relativamente à leitura que faz das vicissitudes que envolveram o pretense rei: «segue este bom Rey as pisadas da pa[i]xão de seu senhor, como verá quẽ quizer discorrer por todas as suas tribulações, até de desprezos e afrontas: chamado Rey por escarneo e levado (como dizem) de Herodes pera Pilatos: entregue por remate nas mãos dos soldados. Assemelhãdose tanto? Que até ser traydo em Veneza por hũ dos Italianos que o seguiam: e depois o foy em Florença por hũ frade vassalo seu, e falso amigo. Ao qual por não faltar nada, chegou a aparecer aos seus, e não lhe crerem, tẽdo ho por hũ fontasma Calabrês (...) Polla qual razão não duvide nĩguẽ que haja El Rey Dom Sebastiam nosso Senhor tambem de resuscitar temporalmente da desesperaçõ e fortuna em que cahyo, e triumphar de todos os seus inimigos»<sup>94</sup>

### *Conclusão*

Embora a literatura escatológico-apocalíptica e profética, laborada nos últimos séculos da Idade Média, continue a ter uma grande projecção ao longo da Idade Moderna, é um facto que a sua «morfologia» sofre mutações. Nomeadamente depois do Concílio de Latrão – em 1512 –, e sobretudo com a cisão da unidade eclesiástica no Ocidente, com o movimento da reforma, a partir de 1517, os textos, progressivamente perdem o seu carácter escatológico, passando a ter cada vez mais uma finalidade propagandística.

O *Libellus* não foge à regra, e ao longo do século XVI e XVII, em vários pontos da Europa, vai ser copiosamente usado ao serviço de intuítos propagandísticos e políticos diversos... Como na sua génese, a credibilidade e fortuna deste texto profético advinha muito do facto de ser apresentado como consequência de uma profunda vida eremítica...

Na Idade Moderna subsiste a imagem de eremitismo como «via perfectionis», como condição privilegiada para se «encontrar Deus». É um conceito que continuava a evocar a ideia de virtude e santidade, e esse «desenho» servia não só para credibilizar profecias como para criar imagens de beatitude...

João Carlos Serafim

### **Abstract:**

*Exploring the reiterated relationship between hermitism-holyness-prophecy, the thesis sustains the idea that in Early Modern Age the hermitic experience still worked as a factor of*

---

<sup>94</sup> D. João de CASTRO, *Discurso da vida do sempre bem vindo...*, ed. cit., 121 v.

*credibilisation of the prophetic text. During those centuries, in Portugal too the image of hermitism as «via perfectionis» served not only to make prophecies credible, but also to create images of beatific state.*

*The thread is the example of the use of an «hermitic prophecy» – or better, in this case, «pseudo-hermitic» – the «Libellus» by Telesphorus of Cosenza, which during the 16th and 17<sup>th</sup> centuries was exhaustively used in several European countries for a variety of propaganda and political purposes.*